

A CULTURA DE CONSUMO NA CONTEMPORANEIDADE E OS IMPACTOS NO AUMENTO DO ÍNDICE DE IST EM JOVENS

Wanessa Silva Dos Santos¹

Jesana Batista Pereira

Psicologia



**cadernos de
graduação**
ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

A partir do pressuposto que o consumo é uma atividade presente em toda e qualquer sociedade humana, de acordo com vários autores e com várias vertentes teóricas, este ensaio traz a perspectiva da cultura de consumo relacionada ao aumento dos índices de Infecções sexualmente transmissíveis (IST), utilizando os recortes de raça, gênero, escolaridade e orientação sexual, de acordo com dados epidemiológicos nacionais pesquisados no site do Ministério da Saúde. Para a realização da reflexão, também foram usados referenciais teóricos de livros e artigos utilizados em sala de aula, disponibilizados pela professora para discussões entre os alunos.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura. Consumo. ITS'S. Jovens.

ABSTRACT

On the assumption that consumption is an activity present in any human society, according to several authors and with various theoretical aspects, this essay brings the prospect of consumer culture related to increased rates of STI's (Sexually transmitted infections), using the cutouts of race, gender, education and sexual orientation, in accordance with national epidemiological data searched on the website of the Ministry of health. For reflection, were also used theoretical references to books and articles used in the classroom, made available by the teacher for discussion among the students.

KEYWORDS

Culture. Consumption. ITS ' S. Young.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com alguns autores, segundo Barbosa (2004), a sociedade de consumo é aquela que pode ser definida por um tipo específico de consumo, de signos, por exemplo, para outros, a sociedade de consumo englobaria características sociológicas para além do consumo de signos, como consumo de massas e para as massas; alta taxa de consumo e descarte de mercadorias per capita; presença da moda e da sociedade de mercado; sentimento permanente de insaciabilidade e a presença do consumidor como um de seus principais personagens. Nessa perspectiva, diferentes termos são utilizados, tais como: sociedade de consumo e/ou de consumidores e cultura de consumo e/ou de consumidores, tendo definições precisas de acordo com a abordagem teórica.

Teorias sobre a sociedade de consumo dizem respeito à natureza da realidade social, mapeando e analisando alguma característica que lhe é atribuída como específica e que define e cogitam sobre o porquê de o consumo desempenhar um papel tão importante nas sociedades contemporâneas. Já as teorias sobre cultura de consumo, por sua vez, inquiram sobre outras dimensões da vida social, procurando respostas para várias questões, como por exemplo: os processos sociais e subjetivos que estão na raiz da escolha de bens e serviços; quais os valores, as práticas, os mecanismos de fruição e os processos de mediação social a que se presta o consumo; qual o impacto da cultura material na vida das pessoas e, ainda, como o consumo se conecta a outros aspectos da vida social. Embora essas teorias estejam intimamente ligadas, correspondem a níveis analíticos distintos da realidade (BARBOSA, 2004).

Na sociedade de consumo contemporânea as "necessidades" adquiriram uma nova plasticidade, que nos eximem de justificá-las por referência a qualquer critério. O prazer que

elas proporcionam lhes confere legitimidade. Assim, “na sociedade do consumidor, o consumo é o seu próprio fim e por conseguinte é autopropulsor”. (BARBOSA, 2004, p. 46).

O que impele a sociedade de consumo não é um conjunto fixo, circunscrito e finito de necessidades, mas o desejo, e agora na época do capitalismo tardio, o capricho. Ambos são fenômenos essencialmente evasivos e efêmeros, que prescindem de justificação ou apologia em torno de um objetivo ou causa. O que tem em comum é a dimensão autorreferente de ambos e o que os diferencia é o grau de volatilidade de um e de outro (BARBOSA, 2004). “A sociedade de consumo transformou o princípio do prazer no princípio de realidade; de uma ameaça à estabilidade da vida social, transmutou-o em seu principal alicerce” (BARBOSA, 2004, p. 46).

Para Bauman e Campbell (apud BARBOSA, 2004), o consumismo moderno caracteriza-se primeiro pelo lugar ocupado pela emoção e pelo desejo na nossa subjetividade, o que faz com que procuremos mais a gratificação dos mesmos do que a satisfação de necessidades, e segundo, pelo seu caráter irrestritamente individualista. Seguindo a linha de raciocínio de Bauman (apud BARBOSA, 2004) em sua teoria sobre o consumo, este afirma que há a despersonalização do sujeito, uma desagregação social e individualização no sentido negativo em decorrência do consumismo moderno, tendo como princípio norteador o princípio do prazer, que deixa de ser apenas o princípio do prazer e torna-se o princípio de realidade do indivíduo.

Em contrapartida, Campbell (apud BARBOSA, 2004) considera que o consumismo moderno, ao invés de exacerbar a “crise de identidade” tão discutida pelos pós-modernos, é na verdade uma atividade por meio da qual os indivíduos conseguem resolvê-la. O que caracteriza a sociedade de consumo moderna é a insaciabilidade dos consumidores (BARBOSA, 2004).

Para Campbell (apud, BARBOSA 2004), nós nos descobrimos a nos expomos a uma grande variedade de produtos e serviços. É por meio da monitoração de nossa reação a eles, observando o que gostamos e detestamos que vamos descobrindo quem verdadeiramente somos. Como o autor conclui, o consumo na sociedade de consumo moderna não deve ser visto como uma busca desesperada pela ausência de significado, mas a solução desta busca.

2 DESENVOLVIMENTO

Com o processo de modernização, houve também a transformação do conceito de ser humano, abrindo espaços para diversas teorias sobre o desenvolvimento humano se consolidarem, sendo algumas direcionadas para os estudos de gênero e sexualidade. Nessa perspectiva, há mais de cinquenta anos, Simone de Beauvoir surge com a frase “ninguém nasce mulher, torna-se”. Esta frase tornou-se uma categoria de entendimento para várias mulheres das mais diversas posições sociais.

Militantes e estudiosas passaram a repeti-la para indicar que seu modo de ser e de estar no mundo não resultava de um ato único, inaugural, mas que, em vez disso,

constituía-se numa construção. Tornar-se mulher dependia das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura.

A frase de Beauvoir teve bastante impacto e, de certa forma, pode ser tomada como uma espécie de gatilho provocador de um conjunto de reflexões e teorizações, exuberante e fértil, polêmico e disputado, não só no campo do feminismo e dos estudos de gênero, como também no campo dos estudos da sexualidade. A frase foi alargada, passando a ser compreendida também no âmbito das masculinidades (LOURO, 2008). “Nada há de puramente ‘natural’ e ‘dado’ em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” (LOURO, 2008, p. 18).

Segundo Louro (2008), não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente. A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se por meio de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo, tendo suas orientações e ensinamentos, por muito tempo, parecendo ser soberanos e quase absolutos.

Além destes, há também, especialmente na contemporaneidade, a sedução e o impacto da mídia, das novelas, da publicidade, das revistas, da internet, dos blogs e sites de relacionamento, do cinema, da televisão, dos shopping centers, da música popular, das câmeras e monitores de vídeo, das redes sociais etc.

Vivemos mergulhados em seus conselhos e ordens, somos controlados por seus mecanismos, sofremos suas censuras. As proposições e os contornos delineados por essas múltiplas instâncias nem sempre são coerentes ou igualmente autorizados, mas estão, inegavelmente, espalhados por toda a parte e acabam por constituir-se como potentes pedagogias culturais. (LOURO, 2008, p. 18).

Ainda que as normas culturais de há muito assentadas sejam reiteradas por várias instâncias, é indispensável observar que, hoje, multiplicaram-se os modos de compreender, de dar sentido e de viver os gêneros e a sexualidade. Desestabilizaram-se antigas e sólidas certezas, subverteram-se as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer. Informações e pessoas até então inatingíveis tornaram-se acessíveis por um simples toque de computador.

Relações afetivas e amorosas passaram a ser vividas virtualmente; relações que desprezam dimensões de espaço, de tempo, de gênero, de sexualidade, de classe ou de raça; relações nas quais o anonimato e a troca de identidade são parte do jogo. Impossível desprezar os efeitos de todas essas transformações devido a elas constitu-

írem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, num primeiro momento, não as experimentam de modo direto (LOURO, 2008).

Uma série de lutas ou uma luta plural, advinda de minorias, tais quais: jovens, estudantes, negros e mulheres (grupos sociais tradicionalmente subordinados), passaram a privilegiar a cultura como palco do embate. Seus propósitos consistiam, pelo menos inicialmente, em tornar visíveis “outros” modos de viver, os seus próprios modos: suas estéticas, suas éticas, suas histórias, suas experiências e suas questões. Desencadeava-se uma luta que, mesmo com distintas caras e expressões, poderia ser sintetizada como a luta pelo direito de falar por si e de falar de si. Esses diferentes grupos, historicamente colocados em segundo plano pelos grupos dominantes, estavam e estão empenhados, fundamentalmente, em se autorrepresentar. Este tipo de luta requer “armas” peculiares, supondo estratégias mais sutis e engenhosas (LOURO, 2008).

Os movimentos sociais organizados, segundo Louro (2008), compreenderam, desde cedo, que o acesso e o controle dos espaços culturais, como a mídia, o cinema, a televisão, os jornais, os currículos das escolas e universidades, eram fundamentais. A voz que ali se fizera ouvir, até então, era do homem branco heterossexual, falando de forma quase incontestável ao longo da história. Construía representações sociais que tiveram importantes efeitos de verdade sobre todos os demais.

Passamos, assim, a tomar como verdade que as mulheres se constituíam no “segundo sexo” ou que gays, lésbicas, bissexuais eram sujeitos de sexualidade “desviantes”. Por tudo isso, colocava-se, como uma meta urgente para os grupos subalternos, apropriar-se dessas instâncias culturais e aí inscrever sua própria representação e sua história, pôr em evidência as questões de seu interesse. A luta no terreno cultural mostrava-se (e se mostra), fundamentalmente, como uma luta em torno da atribuição de significados produzidos em meio a relações de poder.

No terreno dos gêneros e da sexualidade, o grande desafio, hoje, parece não ser apenas aceitar que as posições se tenham multiplicado, então, que é impossível lidar com elas a partir de esquemas binários (masculino/feminino, heterossexual/homossexual). O desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. A posição de ambiguidade entre as identidades de gênero e/ou sexuais é o lugar que alguns escolheram para viver. (LOURO, 2004 apud LOURO, 2006, p. 21).

Nesse sentido, se por um lado a maior visibilidade desses grupos sociais pressupõe uma progressiva aceitação, por outro, torna-se alvo de incessante vigilância advinda de grupos sociais privilegiados – exemplo: homem branco heterossexual, inserido em setores tradicionais, como já citado anteriormente – que impõem suas regras

e valores, podendo até protagonizar manifestações violentas e de extrema agressão. O ponto-chave dessa discussão para a reflexão aqui proposta, é a percepção de normalidade e diferença.

Diante disto, alguns questionamentos podem ser feitos: por que apenas a heterossexualidade é tida como normal na sociedade em que vivemos? por que as mulheres, apesar de tantas conquistas e mudanças, ainda têm o seu papel “ideal” propagado como submissa, como “bela-recatada-do-lar”? por que os homens, desde cedo, são criados em uma cultura essencialmente machista e patriarcal e incentivados a condutas opressoras? E, por último, por que o homem, apesar de tantos avanços, ainda é tido como detentor de verdades incontestes?

Todos esses questionamentos culminam em um único aspecto: vivemos numa sociedade patriarcal e machista, onde tudo o que vai de encontro a isso é facilmente oprimido e silenciado, independente do contexto que se analisa. Minayo (2005), em seu estudo sobre os laços perigosos entre machismo e violência, dá ênfase às relações entre as formas de viver a masculinidade e a cultura da violência, analisando valores que estruturam a cultura ocidental patriarcal e os valores da alta modernidade que correspondem às mudanças da conjuntura atual.

A concepção do masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como seu objeto é um valor de longa duração na cultura ocidental. Na visão arraigada no patriarcalismo, o masculino é ritualizado como o lugar da ação, da decisão, da chefia da rede de relações familiares e da paternidade como sinônimo de provimento material: é o “impensado” e o “naturalizado” dos valores de gênero (MINAYO, 2005).

O masculino é investido significativamente como posição social (naturalizada) de agente do poder da violência, havendo, historicamente, uma relação direta entre as concepções vigentes de masculinidade e o exercício do domínio de pessoas, das guerras e das conquistas. (MINAYO, 2005, p. 24).

De acordo com todas essas contribuições teóricas e com vivências pessoais, no sentido de ser submetida a incontáveis opressões apenas por ser mulher, percebo o patriarcado como, talvez, a maior forma de poder existente no mundo. O que entristece é ver que, em pleno século XXI, essa lógica machista ainda vigora e se fortalece cada dia mais. No que diz respeito às opressões, vemos vários relatos e casos de violências físicas e até psicológicas sofridas por grupos subalternos: população Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT) e mulheres. Porém, as formas mais sutis de violência são as que mais preocupam, por muitas vezes acontecerem sem que tenhamos a consciência de que são opressoras.

Nesse sentido, de acordo com o Ministério da Saúde (2015), cresce cada vez mais o índice de homens adoecendo por diversos fatores e patologias, como por exemplo: hipertensão arterial, diabetes, câncer de próstata, obesidade, pneumonia, cirrose e problemas no fígado. Vemos que a opressão que parte dos homens, volta para eles próprios, ao ponto de uma “ideologia” limitar ações transformadoras, inclu-

sive a de ir a médicos regularmente e fazer exames preventivos, vistos com tabu e preconceito. A mídia ajuda a reforçar o estereótipo de homem “invencível” e “inatingível” por diversos males, inclusive as doenças, a partir do momento que cria tal tipo de subjetividade e a propaga indiscriminadamente.

No estudo dos indicadores e dados sobre a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), encontrados no site do Ministério da Saúde (2015), desde os anos 1980, quando emergiu e se propagou o vírus, a maioria dos casos acometiam a população masculina. Ao analisar as amostras, percebe-se que o número de casos diagnosticados em homens se manteve crescendo progressivamente, tendo, em 2015, atingido o total de 26516 casos diagnosticados. Outro dado que surpreende é o de que a maioria dos homens infectados eram heterossexuais.

Nas amostras do ano de 2015, foram diagnosticados 11644 casos de homens heterossexuais, em contrapartida a 4563 casos de homens homossexuais. No que diz respeito a raça, as que se sobressaíram na quantidade de casos diagnosticados foram parda e branca, tendo 9445 e 8922 casos registrados no ano de 2015, respectivamente. No quesito escolaridade, as amostras do ano de 2015 que se sobressaíram na quantidade de casos diagnosticados foram o ensino médio completo, ensino fundamental II incompleto (5^a a 8^a série) e ensino superior completo, com 4063, 3331 e 1700 casos registrados, respectivamente.

[...] se antes essa vinculação estava associada quase que exclusivamente à prostituição, à promiscuidade, à pornografia e, como consequência, à doença e à degradação – já que, afinal, quem negocia sexo são as prostitutas, os michês, os cafetões – nos últimos anos a negociação sexual ganhou o estatuto de algo desejável, positivo e ligado à preservação da saúde. (OLIVEIRA; MEYER; SANTOS; WLHELMS, 2004, p. 1309 apud BARBOSA, 1999, p. 74).

De acordo com os dados apresentados e a citação acima, vê-se que o sexo, antes visto como um tabu e algo proibido, atualmente é visto como modo de se preservar a saúde do indivíduo. Porém, o que não se enfatiza é a importância do uso contínuo de métodos contraceptivos e preventivos, tendo grandes campanhas sobre isso apenas em época de carnaval ou grandes eventos. Além disso, a mídia contribui para a visão de ser humano saudável quando propaga informações altamente tendenciosas e alienantes, como por exemplo: o veganismo e a vida fitness.

Hoje em dia, a maioria das pessoas busca ter hábitos alimentares melhores, tendo como objetivo não só a melhoria da saúde, mas também adquirir um status e identidade de pessoa fitness, que se cuida, que pensa na sua expectativa de vida, ideologia propagada inclusive entre os jovens. Nesse sentido, se eu me alimento bem, faço exercícios regularmente, por que devo me preocupar com infecções sexualmente transmissíveis? A mídia dissimula essa ligação e leva os indivíduos a pensarem que são inatingíveis por aquelas infecções.

Quando nós voltamos aos dados sobre os casos de AIDS, vemos o índice altíssimo, inclusive nos jovens de 15 a 24 anos, tendo 4830 casos registrados no ano de 2015. Muitos jovens negligenciam a sua saúde, não procuram saber, o que torna precário esse sistema de notificação de casos diagnosticados, por muitas vezes terem a vida sexual ativa de forma precoce e com vários parceiros, não se interessando em fazer testes grátis e rápido, disponibilizados em quaisquer unidades básicas de saúde (UBS). A incorporação do hábito de fazer teste é importante na medida em que a AIDS é uma infecção sexualmente transmissível e silenciosa, não traz sinais e sintomas observáveis logo quando contraída pelo indivíduo, tornando assim, ainda mais difícil o seu diagnóstico.

Outro dado a ser observado é o da maioria dos casos diagnosticados ser de homens heterossexuais e brancos. Surge uma outra questão: por que a AIDS ainda é uma doença, nos dias atuais, relacionada às práticas homossexuais? Nos anos 1980, no auge da epidemia, os noticiários se referiam ao HIV como “peste gay”. Filmes, documentários, livros, revistas, entre outros meios de comunicação, todos giravam em torno de associar a AIDS com aquela população, estigmatizando-a. E de onde esse discurso surgia e por quem era propagado? Por um lugar de produção do discurso hegemônico comprometido com a difusão do modelo ideal e saudável de subjetividade, o do homem branco e heterossexual, beneficiando-o supostamente desse discurso de ódio e preconceituoso, eivado de uma ideologia higienista e extremamente sexista.

O último recorte feito é o da escolaridade. Este dado mostra que os maiores índices de casos registrados vem de pessoas com ensino médio completo, também apresentando grande índice de casos em pessoas com o ensino superior completo. Pode-se observar que o problema maior não é a falta de informação, visto que fala-se sobre Infecções sexualmente transmissíveis (IST), tanto na escola quanto no ensino superior, mas a questão é a qualidade dessa informação e de como ela está sendo transmitida para as pessoas. A mídia entra neste cenário como reforçadora de práticas que não devem ser reproduzidas.

Nas novelas, por exemplo, invariavelmente, as práticas sexuais são mostradas sem o uso de preservativos. Não se problematiza a gravidez na adolescência com pessoas com IST. Não que essa seja a única causa do problema, mas, junto a isso, deveria haver políticas públicas eficazes e que mostrem a importância de se prevenir, de fazer exames regularmente e de serem veiculadas informações coerentes e condizentes com as situações de vulnerabilidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio tentou refletir sobre a cultura de consumo relacionada ao aumento dos índices de IST, utilizando os recortes de raça, gênero, escolaridade e orientação sexual. Levou em consideração as interfaces entre essas categorias e teorias sobre cultura de consumo, que inquiram sobre dimensões da vida social, como os processos sociais e subjetivos que estão na raiz da escolha de bens e serviços; os valores, as

práticas, os mecanismos de fruição e os processos de mediação social a que se presta o consumo; o impacto da cultura material na vida das pessoas e como o consumo se conecta a outros aspectos da vida social.

A partir desse escopo, compreende-se a mídia como uma via de mão dupla, podendo ser aliada e inimiga, a depender da forma que ela se posiciona em relação às situações de vulnerabilidade social de grupos subalternos, também, como é interpretada. Paradoxalmente, o modelo hegemônico de masculinidade ao ser consignado como inatingível pela força do patriarcalismo, se desnuda diante dos dados que apontam para um número crescente de casos de IST diagnosticados em homens e, a maioria dos homens infectados eram heterossexuais, inclusive nos jovens de 15 a 24 anos.

SOBRE O TRABALHO

Ensaio apresentado ao curso de Psicologia, na disciplina de Realidade Socioeconômica e Política Regional, ministrada pela prof. Dra. Jesana Batista Pereira, como requisito total para nota da 1ª U.P. no segundo semestre de 2017.

Jesana Batista Pereira. Doutora em Antropologia.

E-mail: jesanabpereira@gmail.com

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, H.B. Consumidores e heroínas: gênero na telenovela. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.15, n.1, p.177-192. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n1/a11v15n1.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2017.

BARBOSA, L. **Sociedad e de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.28-62.

BARBOSA, R.M. Negociação sexual ou sexo negociável? Poder, gênero e sexualidade em tempos de AIDS. In: BARBOSA, R.M.; PARKER, R. (Org.). **Sexualidades pelo avesso**: direitos, identidades e poder. São Paulo: 34, 1999. p.73-88.

LOURO, G.L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Revista Pro-Posições**. São Paulo, v.19, n.2, 2008. p.17-23. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2017.

MINAYO, M.C.S. Laços perigosos entre machismo e violência. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, 2005. p.18-34. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a03cv10n1.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2017.

MINISTERIO DA SAÚDE. Indicadores e dados básicos da AIDS nos municípios brasileiros. **Secretaria de Vigilância em Saúde**. Brasil, 2015. Disponível em: <<http://indicadores.aids.gov.br/>>. Acesso em: 15 set. 2017.

OLIVEIRA, D.L.L.C. **et al.** A negociação do sexo seguro na TV: discursos de gênero nas falas de agentes comunitárias de saúde do Programa Saúde da Família de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.20, n.5, 2004. p.1309-1318. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v20n5/25.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2017.

Data do recebimento: 10 de janeiro de 2018

Data da avaliação: 22 de fevereiro de 2018

Data de aceite: 8 de março de 2018

1 Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: wanessaspsi@gmail.com

2 Doutora em Antropologia – UFPE; Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Políticas Públicas do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: jesanabpereira@gmail.com